

CADERNO PEDAGÓGICO

ORALIDADES AFROPARANAENSES

CAPITULO 3

PRESENÇA NEGRA NO PARANÁ

UNIDADE 1

MELANINADAS E

MELANINADOS

NO PARANÁ:

PRESENÇA, BELEZA

E RESISTÊNCIA

Natalia Apolonia Belino Bonfim da Silva

MELANINADAS E MELANINADOS NO PARANÁ: PRESENÇA, BELEZA E RESISTÊNCIA

Natalia Apolonia Belino Bonfim da Silva

A história da cidade de Curitiba e do Estado do Paraná, contada sob o véu do eurocentrismo, do racismo estrutural e institucional e da desvalorização da oralidade na cultura ocidental levou à invisibilidade da população negra e de sua contribuição na História do Paraná.

Em relação ao racismo institucional, ele teve seu conceito cunhado, na década de 1960, nos Estados Unidos, para “[...] especificar como se manifesta o racismo nas estruturas de organização da sociedade e nas instituições, para descrever os interesses, ações e mecanismos de exclusão estabelecidos pelos grupos racialmente dominantes.” (LIMA; PACE, 2011, p. 4)

Ainda segundo as autoras, pode ser facilmente detectado no sistema educacional do Brasil, ao se fazer uma análise da má distribuição de renda, fator determinante das desigualdades sociais e raciais e um dos principais indicadores da pobreza no Brasil, que se reflete na qualidade de vida destacando o "persistente fosso social" entre negros e brancos, principalmente, no que se refere à educação.

No que se refere ao racismo estrutural, este representa o racismo que estrutura as relações sociais

... por corresponder a uma estrutura, o racismo não está apenas no plano da consciência – a estrutura é intrínseca ao inconsciente. Ele transcende o âmbito institucional, pois está na essência da sociedade e, assim, é apropriado para manter, reproduzir e recriar desigualdades e privilégios, revelando-se como mecanismo colocado para perpetuar o atual estado das coisas. (BERSANI, 2018, p. 2)

Apesar de invisibilizada na história oficial, a presença do povo negro em Curitiba, como povo fundante de nossa capital e como **importador** de diversas tecnologias presentes na cidade e no estado, se mostra através de algumas evidências e das oralidades, transmitidas culturalmente pelos povos africanos aos seus descendentes.

A Linha Preta, proposta de roteiro no centro histórico de Curitiba, realizada pelo Centro Cultural Humaita, traz à tona algumas evidências da presença negra em Curitiba.

O presente material foi construído tendo como ponto inicial a visita à Linha Preta e a leitura do livro **Oralidades Afroparanaenses**: fragmentos da presença negra na história do Paraná, uma coletânea de poesias a respeito da presença do povo negro em diversas cidades centenárias do Paraná, que tem como autores Melissa S. Reinehr e Adegmar J. Silva, mais conhecidos como Mel e Candiero.

A partir de um dos poemas, foi realizada a produção dessa unidade didática, que relaciona a presença negra no estado do Paraná (povo que chamaremos de **melaninadas e melaninados** de agora em diante, utilizando-nos do termo usado no poema), a estética negra e a resistência.

A escolha por trabalhar a temática deve-se ao fato de que a presença marcante de melanina na pele, juntamente com a estética dos cabelos, é um dos maiores fatores de discriminação, inclusive dentro das escolas.

No estado do Paraná, a invisibilidade da presença negra, o **branqueamento** de algumas importantes personalidades e o mito de uma população predominantemente branca de olhos claros e origem europeia, levou a valorização desse estereótipo, em detrimento da estética negra, comprovadamente presente em nosso estado e que, por isso mesmo, é um importante fator de resistência na atualidade.

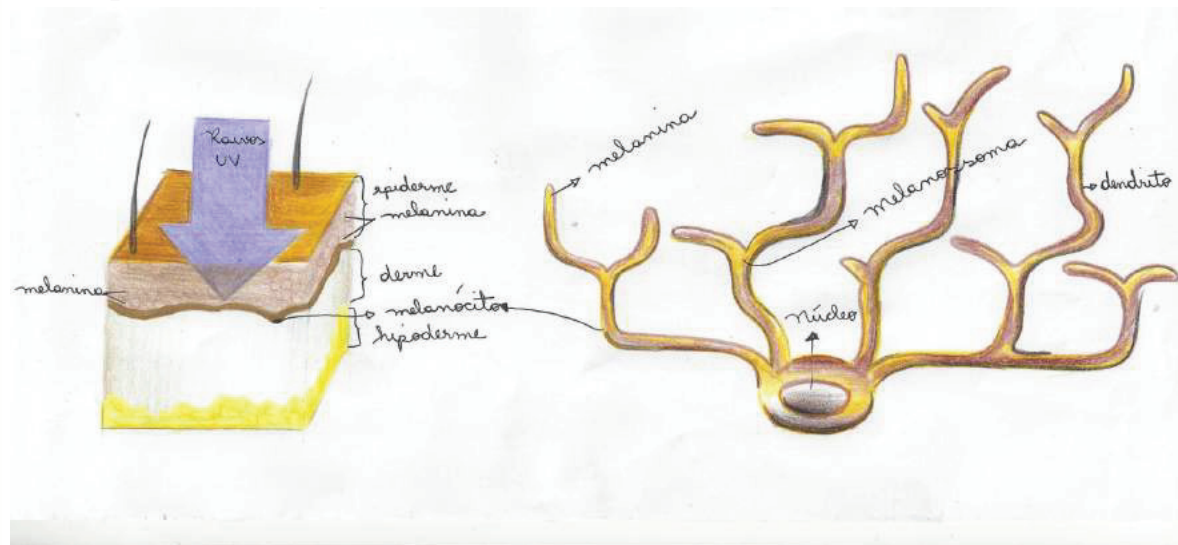
Nesta unidade temática, sugerimos atividades para a efetivação do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), modificado pelas Leis 10.639/2003 e 11.649/06, da Resolução 01/2004 e Parecer 03/2004 - CNE, utilizando um recorte local e afrocêntrico. Tais atividades podem ser realizadas por grupos de professores (as), funcionários (as) e estudantes, visando fornecer subsídios para a contemplação da história e cultura africana e afro-brasileira do Paraná, com possibilidade de atividades e relação interdisciplinar nas disciplinas de História, Filosofia, Arte, Ciências e Biologia.

O referencial teórico inicia com a presença de melanina perceptível na pele e sua relação com o racismo, segue com eugenia e racismo científico, conceitos importantes para a compreensão dos momentos vividos no Brasil em relação à estética negra, e finaliza com a estética negra e sua relação com a resistência da população negra paranaense, em diversos momentos.



MELANINADAS E MELANINADOS NO PARANÁ: POPULAÇÃO EXISTENTE E RESISTENTE

Os termos melaninadas e melaninados poderiam referir-se aos portadores de melanina. Porém, raras são as pessoas que não apresentam melanina, por conta de uma mutação genética, que são os albinos ou albinas. Fora os portadores dessa mutação, todos e todas temos melanina, em menor ou maior quantidade e de diferentes tipos.



Melanócito e sua localização na pele. FONTE: Natanael Belino Bonfim.

A **MELANINA** é o pigmento que dá a cor da pele, dos pelos e dos olhos. Tem cor acastanhada que parece negra quando está muito concentrada. A melanina é produzida nos melanócitos, células derivadas embriologicamente do SNC (Sistema Nervoso Central). (MONTEIRO, 2010, p. 5)

uma maior produção e concentração de melanina na pele, sendo que essa evidencia-se em seu fenótipo (fenótipo refere-se às características apresentadas por um indivíduo). A produção de melanina visível na pele, portanto, caracteriza as melaninadas e melaninados.

No Paraná, melaninadas e melaninados são, portanto, o povo negro, **migrado à força**, que embora invisibilizado na história oficial, luta, resiste, fez e faz história em nosso estado. Por isso mesmo, não podemos tratar aqui simplesmente de estruturas moleculares, sejam essas estruturas a própria melanina ou os genes que as controlam. Estamos falando do povo negro paranaense com história forjada na luta e resistência, como declara Charles S. Finch III (2009) ao citar Cheikh Anta Diop:

Cheik Anta Diop afirmava, com todo rigor, que “raça” é uma construção fenotípica e sociocultural, não uma condição biomolecular. Ele dizia com frequência que é possível um sueco e um banto sul-africano serem geneticamente mais próximos entre si do que cada um deles a outras pessoas de sua própria raça. Mas, na África do Sul de 1980, o sueco seria um homem livre, enquanto o banto seria mais um integrante da maioria oprimida e violentada pelo apartheid.

Como na África de 1980, as melaninadas e melaninados do Paraná sofreram e sofrem com o racismo, mas mantêm-se resistentes e embora tenham sido invisibilizados na história escrita, estão presentes desde o início da formação da cidade, com tecnologias, manifestações culturais e religiosas, resistência e luta contra o racismo.

Atualmente, segundo a pesquisa Nacional por amostra de domicílios (PNAD Contínua/Pesquisa anual 2017), 31.1% da população do Paraná é melaninada (somam-se nessa categoria os autodeclarados pretos e pardos). A região Sul apresenta 22,5% de melaninadas e melaninados em sua população, ou seja, proporcionalmente, o Paraná é o estado mais melaninado do Sul do Brasil.

EUGENIA E RACISMO CIENTÍFICO

Nos séculos dezoito e dezenove, teve ênfase o **racismo científico** que, segundo Pena (2008), “tratava as raças humanas como se fossem espécies diferentes, biologicamente incompatíveis”. A noção de raça aqui, definia o indivíduo como um todo, inclusive no que se refere a aspectos psicológicos e morais e não apenas às características superficiais. Além de comprovar a existência de raças, alguns cientistas tentavam comprovar a inferioridade biológica de alguns grupos, como os africanos e seus descendentes. O branco europeu era considerado como uma **raça superior**, que teria como **fardo** a obrigação de levar o desenvolvimento e a civilização às **raças inferiores**, ou seja, aos **povos menos evoluídos**. Isso justificava a dominação de outros povos, invadindo os territórios e explorando os fartos recursos e mão de obra existente.

No século dezoito foi criada ainda uma teoria conhecida como **eugenia**. O termo foi criado por Francis Galton em 1883, e segundo Schwarcz (1993), transformou-se num movimento científico e social vigoroso.

Galton acreditava que deveria haver uma seleção um controle da reprodução para dessa forma **melhorar** a população. Ou seja, pretendia-se a **eliminação de características físicas indesejáveis**. A Eugenia supunha:

[...] uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a “produção de nascimentos desejáveis e controlados” e preocupava-se em promover, casamentos entre determinados grupos e desencorajar certas uniões consideradas nocivas à sociedade. (SCHWARCZ, 1993, P.79)

Ou seja, sua intenção era promover a **limpeza racial** dos grupos considerados inferiores ou inaptos, no caso, dos grupos não brancos. A eugenia foi colocada em prática em diversos países inclusive no Brasil onde se fez presente através da política de **branqueamento** da população.

BELEZA NEGRA E RESISTÊNCIA NO PARANÁ

Segundo Santos e Mattos (2017), apesar da estética ser um ramo da filosofia que estuda a natureza da beleza e os fundamentos da arte, ao tratar de estética negra é necessário não se referir somente ao sentido filosófico e eurocentrado da palavra, mas incluir a descolonização dos saberes e relações histórico sociais. Ainda segundo Braga (2015, p.18), os conceitos de beleza são construídos historicamente e

[...] se desfazem em momentos seguintes, transformam-se, carregam novos sentidos, procuram novos padrões, apresentam-se e materializam-se de modos distintos. Esse trânsito, no entanto, traz memórias e, portanto, continuidades em relação ao momento anterior.

No Brasil, a corporeidade negra foi atrelada a estereótipos de desejo, tribalismo, sexualidade e vulgaridade, ocorrendo imposição dos saberes e normas de conduta dentro dos quais estão as visões e percepções do "sujeito branco".

Assim, os corpos das negras e negros tornaram-se espaço de resistência e luta contra estereótipos. A estética negra em nosso país relaciona-se, portanto, a reconhecimento, pertencimento e combate ao racismo, e, para compreendermos o momento atual, precisamos fazer um breve histórico de como essa estética foi e segue sendo vista no Brasil.

Iniciando com o período escravocrata, onde, de acordo com Braga (2015), foi construída uma beleza castigada, ligada ao corpo, que se dividia entre o olhar do negro sobre o negro e o olhar do branco sobre o negro.

Em relação ao olhar do negro sobre o negro destacam-se as escarificações, as marcas tribais, o uso de turbantes, a limagem dos dentes, o achatamento do nariz e os penteados africanos. Esses elementos expressam além da estética, uma identidade das nações as quais pertenciam seus portadores.

Quanto ao olhar do branco sobre o negro, com o advento da eugenia e do racismo científico do século XIX, os africanos e outros povos vítimas do imperialismo e da dominação colonial são antropologicamente aproximados dos animais, sendo vistos como inferiores em termos biológicos, morais e psicológicos e **selvagens**, em relação ao branco **civilizado**.

No que se refere às mulheres, faz-se referência a VÊNUS HOTENTOTE e a mulher negra passa a ser representada através do estereótipo da hipersexualidade, com limitada capacidade racional em detrimento do instinto, surgindo em seguida o estereótipo da mulata fácil. Na época, diversos são os anúncios que trazem

descrição física e sugerem **préstimos** das escravizadas, sendo que as de **pele mais clara** e **cabelos menos cacheados** seriam as preferidas para trabalhar mais próximas dos **senhores**.

Os negros livres e libertos são retratados a partir de um padrão branco não somente no que se refere às vestes e acessórios, mas também às posturas que, dessa forma, denunciam a pertença a uma sociedade autoritária e racista.

Nesse momento, não temos a estética como forma de identidade e resistência, mas no Paraná, já no início do século XIX, nossa melaninada Maria Águeda, mulher livre e pobre, dá exemplo de coragem e resistência ao se negar a obedecer às ordens da esposa do capitão-mor da vila e ser presa por isso.

Após a assinatura da Lei Áurea, a imprensa negra e as associações afro-brasileiras passam à reivindicar uma nova abolição, vinculando-se a educação formal, política e cultural, a fim de romper com os estereótipos ligados a essa população nos séculos anteriores, relacionadas à suposta **preguiça, deseducação, vício da cachaça** e uma suposição de **inferioridade congênita**. A voz do negro, portanto, volta-se ao negro em termos políticos, educativos e estéticos.

A estética ganha atuação política e os concursos de beleza, muito frequentes nesse período, além de tentar promover a construção de um conceito de **beleza negra**, se tornam uma resposta à imagem da **mulata promíscua**.

Há uma valorização dos cabelos cacheados, embora a busca pelo alisamento surja como forma de status social, voltando mais uma vez ao ideal de beleza eugênico. Apesar das dificuldades encontradas, essa movimentação tem êxito ao fazer do negro participante ativo da realidade racial brasileira.

A partir de 1943 ocorre a ampliação e o amadurecimento do movimento negro e aumenta a presença das negras e negros no mercado de trabalho, que passa a ser mais competitivo. Esses fatores aumentam a discriminação, levando a surgir, como oposição aos movimentos negros, o mito da **democracia racial** e do **racismo às avessas**, bem como a diferenciação entre o **negro pobre** e o **negro rico**. Ao mesmo tempo em que cresce o movimento negro, a cultura nacional continua visando ao encantamento da mulata, especificamente, surgindo nesse contexto o sentido filológico da palavra mulato e sendo que a designação **negro** só retorna em 1980.

Deise Nunes é eleita, em 1986, a primeira miss Brasil

*Em 1789 ,
nasce na África
do Sul a mulher
conhecida como
Saartige que ficaria
conhecida como
"Vênus Hotentote".
Pertencente ao
povo hotentote, do
qual apresentava as
características, um
"avental frontal"
que denotava a
hipertrofia de seus
lábios vaginais e
a esteatopigia,
que lhe conferia
um acúmulo
de gordura nas
nádegas, maiores e
mais salientes que
o padrão europeu.
Saartige foi levada
para Londres em
1810, onde foi
exposta em feiras,
circos e teatros
devido aos atributos
físicos considerados
exóticos aos olhos
europeus. A figura
da Vênus Hotentote
era ligada à
prostituição e à
homossexualidade,
representando a
mulher sexualizada,
fonte de corrupção
e doença.*

negra, mas permanece associada à imagem da mulata, da **verdadeira mulher brasileira**, produto positivo da miscigenação racial e prova da democracia racial. Aqui, a beleza de Deise é também relacionada aos preceitos morais, mas ainda assim, a mulata é levada às rodas de samba e desfiles de carnaval como o modelo da sensualidade.

No estado do Paraná, um dos exemplos de resistência e identidade negra desse período é a fundação, no dia 06 de junho de 1888, da Sociedade Operária Beneficente 13 de maio, que teve como um de seus fundadores Vicente Moreira de Freitas e tinha o objetivo de agregar os africanos libertos e proporcionar ajuda mútua em diversos aspectos, além de promover festas e eventos.

Segundo o historiador Edvan Ramos, mesmo numa época em que as mulheres não tinham nenhuma representatividade, faziam parte dessa sociedade mulheres negras, sendo a mais conhecida das Marias curitibanas, a Maria Bueno ou, de acordo com o historiador, Maria Boenno, conhecida como santa e, com seu estereótipo negro embranquecido no decorrer do tempo.

Após 1996, iniciam-se as políticas de identidade, que representam uma incorporação por parte do Estado, das propostas da imprensa e das associações no período anterior, com o objetivo de ressaltar as identidades negras afirmativa e positivamente. Com a abertura política do Brasil e sua redemocratização, entram em ação os movimentos populares, como componentes das lutas sociais, entre eles, o movimento negro. Nesse período também é promulgada a Nova Constituição, que criminaliza o racismo.

A imagem construída durante o período escravocrata, da mulata sensual e fácil, que representa também a miscigenação do Brasil permanece no imaginário social, assim como em algumas campanhas publicitárias. Porém, o olhar do negro sobre si é outro. O corpo deixa de ser caricaturado com acentuadas curvas para ser valorizado nos modelos naturais de pluralidade estética, com modos de beleza e representação que vão além das facetas do carnaval.

O discurso questiona a inclusão do negro numa "sociedade branca" e passa a afirmar sua história, estética e identidade. E nessa identidade não há regras. Independente de como o negro usa o cabelo, por exemplo, o importante é que ele se reconheça. Volta-se a usar os turbantes, não mais como símbolo de status social, mas como símbolo de pertencimento e identidade.

O reconhecimento do negro ultrapassa a esfera do corpo (engajamento político, samba no pé, visibilidade profissional) e as diversas ONGs relacionadas ao movimento negro, além de procurarem estabelecer a integração dos negros à vida nacional, procuram a construção de uma consciência racial e a produção de um sentido de pertencimento étnico.

Dessa forma, diversos são os movimentos que visam não somente a valorização da estética negra, mas a superação do racismo, o reconhecimento e o pertencimento, ao usar a estética como estratégia de resistência e transformação.

Um dos mais brilhantes exemplos dessa luta em Curitiba é a trajetória de Vera Paixão: mulher negra, paranaense, mãe, militante, artista, autodidata comprometida com a dança como exercício de liberdade. Sua trajetória revela um fazer artístico plural e politicamente engajado na luta contra as múltiplas faces do racismo e das desigualdades. Ao fundar e coordenar projetos como Grupo Afro-Cultural Ka-Naombo (1991) e o Concurso Beleza dos Palmares (1998 – 2012), a artista junto as comunidades que participa, instaura e gere poderosos territórios de resistência. Seus fazeres insurgem por meio de gerações atravessando duras camadas de silenciamento invisibilidade e apagamento histórico que soterram as presenças negras na chamada ‘capital europeia’. Em suas próprias palavras:

Vera Lúcia de Paula Paixão (1968 -) natural de Mandaguari-PR. Mãe de Keny Adubi, Laremi e Moyemi. Atua como técnica em enfermagem, cuidadora de idosos e acadêmica de Serviço Social. É militante no Movimento Social Negro em Curitiba há 30 anos. Cofundadora da ACNAP – Associação Cultural de Negritude e Ação Popular e fundadora do Grupo Afro Cultural Ka-Naombo, grupo que com a dança-afro, o teatro e a poesia busca combater o racismo, o preconceito, valorizar e difundir a cultura negra. É criadora do Concurso Beleza de Palmares e realizadora do show Tina Music.

Como atriz, participou da Campanha da Semana de Consciência Negra e dias das Mães da RPC, do filme Cafundó (2005) e do documentário Mirian quer Brigar (2017). Foi membro de banca examinadora de cotas raciais no Paraná, Rio de Janeiro e Sergipe. Membro do FESP-PR - Fórum de Educadores (as) Sociais e Populares do Paraná. Participou do projeto de criação pelo Grupo Uninter do primeiro Curso Tecnólogo de Educador(a) Social do Brasil.

É poetisa e autora do livro AYO (2017) publicado pela editora Bolsa Nacional do Livro como parte da Marianas Coleções e também do livro Danças Negras (2018) cujo lançamento está previsto para 2019. Membro do Coletivo Marianas.

Mulher Preta! Que incansavelmente busca uma sociedade mais justa, onde a população negra seja respeitada com seus traços, cultura e valores (PONTES, 2018).

Atualmente, temos como exemplos desses movimentos o afrofuturismo e a geração tombamento. O afrofuturismo é um movimento cultural que utiliza música, política, moda, entre outros, através de uma linguagem que une artefatos tradicionais de matriz africana, mitologia, cosmologia e histórias africanas a elementos da ciência e artefatos tecnológicos futuristas tendo como objetivo a liberdade de expressão, autoconfiança e empoderamento negro. O afrofuturismo cria um estilo de ficção

Foto: Vera Paixão. Fonte: acervo pessoal.



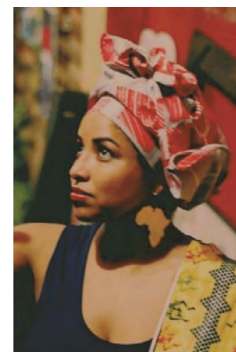
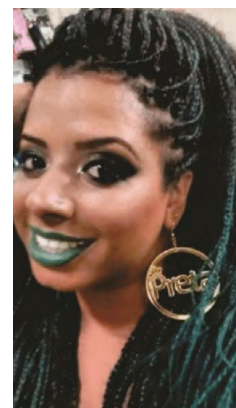
científica que questiona a branquitude eurocêntrica e o machismo nas ficções científicas, que tem como personagem hegemônico o homem branco heterossexual.

A geração tombamento, movimento interseccional que utiliza o empoderamento estético e a moda como elementos de resistência e transformação, se aproxima do contexto afrofuturista, uma vez que ao mesmo tempo em que resiste e afirma sua identidade africana, coloca a estética como algo que pode planejar o futuro.

No estado do Paraná que, mesmo sendo o estado mais negro do Sul do Brasil, tem a representação típica de sua população feminina como mulher branca, de cabelos lisos e olhos claros, não poderiam faltar movimentos de resistência que também atuam na estética e na construção de identidade, promoção de visibilidade e luta contra o preconceito. Alguns exemplos desses movimentos o Bloco Afro Pretinhosidades, o Afro – Chic e a Marcha do Orgulho Crespo.

Watena Ferreira N' Tchalá, integrante do Bloco Afro Pretinhosidades, nos contou que o bloco surgiu da união de pessoas, ligadas ou não a grupos e entidades do movimento negro, mas que idealizavam um bloco que contemplasse a cultura negra em Curitiba. Em novembro de 2016, a ideia começou a tomar forma e, em janeiro de 2017, em parceria com a Rede Mulheres Negras do Paraná e a ONG Passos da Criança, onde Diorlei Santos, o mestre percussivo do Bloco dá aula, começaram os ensaios. Através do samba-reggae, o bloco trouxe para o carnaval de Curitiba uma outra identidade, outra estética e desde então tem atuado fortalecendo e empoderando negras e negros de Curitiba, por meio da musicalidade, estética, resgate histórico e fortalecimento das origens negras africanas.

O Afro Chic é um evento realizado através de oficinas direcionadas aos cabelos crespos e ao corpo negro, centradas na estética negra. "O termo 'estética negra' é utilizado tanto no evento com nas redes sociais para tratar dos cuidados com o corpo e com os cabelos, assim como para pensar nos usos de artefatos de moda e indumentárias com referências de matriz africana" (SANTOS e MATTOS, 2018, p. 266). O evento teve duas edições no ano de 2015, quando foi organizado pelo salão Deby Tranças e coordenado por Débora Pereira, que se inspirou em sua própria relação com seus cabelos e sua autoestima "enquanto mulher, negra e mãe" (SANTOS e MATTOS, 2018, p. 266). Juntamente com as oficinas foi promovida uma feira de produtos étnico-raciais, como tecidos para turbantes e produtos para cabelos crespos, com produção e venda protagonizadas, na maioria das vezes, por mulheres negras.



Débora Pereira e Neli Gomes da Rocha, ministrantes das oficinas de tranças e turbantes no Afro Chic. Fonte: Arquivo pessoal das entrevistadas para o artigo [Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil](#).



Michele Mara, cantora e organizadora da marcha do Orgulho Crespo em Curitiba. Fonte: Tom Pesch.

A Marcha do Orgulho Crespo é um movimento que acontece em todo o Brasil, buscando

a valorização da identidade e da ancestralidade negra; a representatividade, a autoestima, a livre expressão do cabelo natural e o empoderamento da mulher negra na sociedade, em todas suas vertentes e espaços. Tem como principal motivação empoderar mulheres e homens negros por meio do reconhecimento de sua beleza. Organizado pela militante e cantora Michele Mara, o evento está em sua terceira edição, em 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença negra em Curitiba e no Paraná, apesar de ter sido negada, escondida e embranquecida na história oficial, sempre existiu. É necessário, portanto, (re)escrever a história de Curitiba e do Paraná, de forma a corrigir a distorção racista e eurocêntrica e dar visibilidade a essa importante parcela da população.

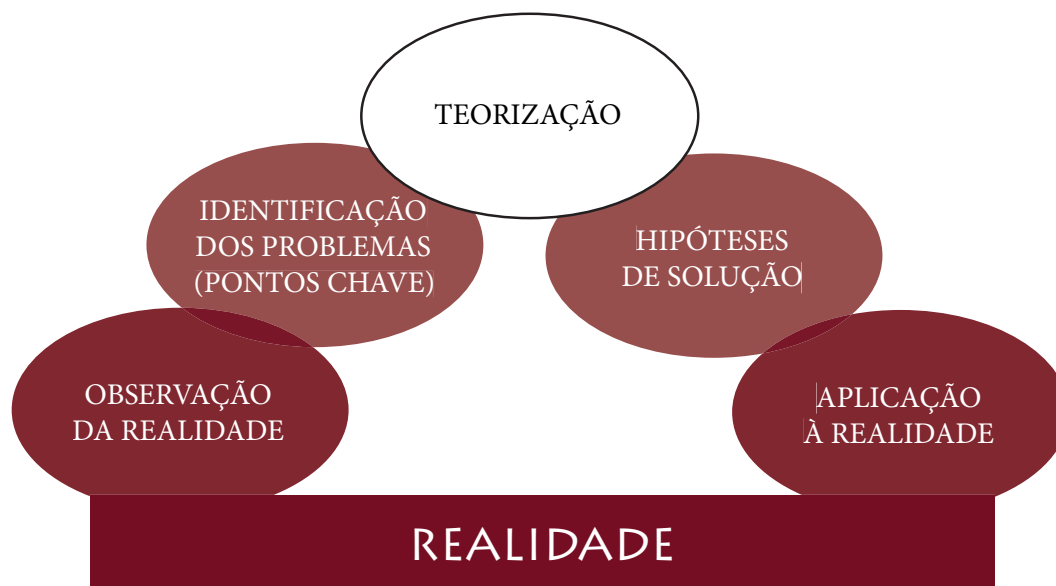
Nessa proposta de trabalho teve-se a intenção de possibilitar o reconhecimento da presença negra em Curitiba, bem como de demonstrar alguns exemplos de como as negras e negros resistiram e vem resistindo na cidade. Para além do passado, a população negra permanece presente na cidade e tem, atualmente, a estética como uma das formas de resistência, construção de identidade, promoção de visibilidade e luta contra o preconceito.

A intenção é que esse material, juntamente com a proposta de atividade nele contida, seja utilizado nas escolas, visando o reconhecimento da presença negra, no passado e no presente, e a valorização da atual presença negra através da estética, com a intenção de promover a identidade de nossas alunas negras e nossos alunos negros.

Será utilizada como base para essa proposta, a metodologia da **problematização**, evitando a abordagem descritiva e repetitiva e levando as envolvidas e envolvidos a tomarem consciência de seu meio e atuar intencionalmente para transformá-lo de maneira crítica. A base para aplicação da Metodologia da Problematização. É o Arco de Maguerez, que, segundo Bordenave e Pereira (1995) se faz por meio de cinco etapas, conforme mostra a imagem:



SUGESTÕES DE ATIVIDADES



FONTE: A autora. Adaptado de Bordanave e Pereira (1989).

PROBLEMATIZAÇÃO

Será utilizada como base para essa proposta, a metodologia da **PROBLEMATIZAÇÃO**, evitando a abordagem descritiva e repetitiva e levando as envolvidas e envolvidos a tomarem consciência de seu meio e atuar intencionalmente para transformá-lo de maneira crítica. A base para aplicação da Metodologia da Problematização é o Arco de Magueres, que, segundo Bordanave e Pereira (1995) se faz por meio de cinco etapas, conforme mostra a imagem acima.

Na sequência será apresentado um resumo das características básicas de cada etapa, bem como nossa sugestão para sua aplicação. Sendo que não se pretende aqui montar um roteiro a ser reproduzido, mas uma fonte de recursos, que pode ser adaptada a cada realidade.

OBSERVAÇÃO DA REALIDADE (PROBLEMA):

Nessa etapa observa-se a realidade e, através dela, elabora-se um problema. O problema é uma questão para a qual não se encontra resposta pronta.

A observação da realidade pode ser feita através de perguntas, como por exemplo,

- ▶ O que é melanina?
- ▶ O que significam os termos melaninadas e melaninados?
- ▶ Existem melaninadas e melaninados no Paraná atualmente? São muitos?

Quem são?

▶ As melaninadas e melaninados fazem parte da história do Paraná? Em quais momentos?

▶ O que é estética negra?

▶ Qual relação pode ter a estética negra com a presença de melaninadas e melaninados no Paraná?

O problema a ser solucionado deve ter a participação das(os) envolvidas(os) em sua elaboração e relacionar a invisibilidade das melaninadas e dos melaninados paranaenses à estética negra e à resistência.

IDENTIFICAÇÃO DE PROBLEMAS (PONTOS-CHAVES)

Nessa etapa deve-se conduzir ao levantamento e definição dos conhecimentos que se têm nesse momento inicial e os pontos a estudar, a investigar, no caso, os pontos – chaves.

Como enfatiza Berbel (1999) nessa etapa o mais importante é o processo e não o produto.

Nossas sugestões de estudo para esse momento são:

a) Leitura do poema Alma das Ruas: Uma crônica para a lama negra curitibana – Mel e Candieiro, do qual extraímos alguns trechos, relacionados diretamente ao nosso trabalho;

b) Visitar o roteiro [LINHA PRETA CURITIBA](#), que apresenta diversas evidências da presença das melaninadas e dos melaninados em Curitiba e no Paraná.

Caso não seja possível visitar a Linha Preta, utilizar os textos, fotos e vídeos disponibilizados no [site da Linha Preta Curitiba](#), mostrando algumas evidências da presença negra no Paraná como, por exemplo:

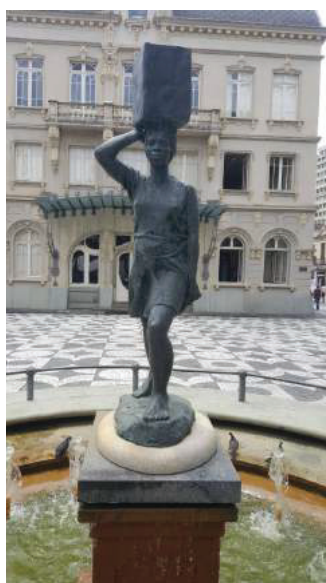
Curitiba em 1827, por Jean Batiste Debret.

FONTE: <http://www.gilsoncamargo.com.br/blog/pintores-da-paisagem-paranaense/>



1- Aquarela de Debret, mostrando a primeira imagem de Curitiba, em 1827.

A visão da cidade mostra um homem negro trabalhando na reforma da antiga Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito, ou na construção da inacabada Igreja de São Francisco, hoje em ruínas. O homem representado na tela usa o barrete frígio, historicamente reconhecido como símbolo da liberdade.



Escultura "Água pro morro", Erbo Stenzel, atrás das Arcadas do Pelourinho.
Fonte: a autora.

2- A escultura "Água para o Morro".

Produzida em gesso pelo artista plástico e escultor paranaense Erbo Stenzel, em 1944, como trabalho final do curso de escultura na Academia Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, tendo a namorada Anita como modelo. A escultura mostra uma bela jovem negra carregando uma lata d'água sobre a cabeça, sugerindo um movimento de quem caminha em direção a um plano mais elevado. Usando uma linguagem realista, o artista conseguiu efeitos que sugerem que o vestido usado pela jovem está molhado, por isso cola ao corpo e desenha os seios, mas não os expõem. (OLIVEIRA, 2018, p. 396). Existem duas esculturas em fundidas em bronze, uma atrás das Arcadas do Pelourinho e outra no gabinete do Prefeito de Curitiba.

3 - A escultura do "Homem nú".

A escultura localizada na Praça 19 de Dezembro, no centro de cidade de Curitiba, apresenta traços negróides e, como declara Megg Oliveira, professora e doutora em educação na UFPR, no site da [Linha Preta Curitiba](#), "simboliza o Paraná dando um passo em direção ao futuro. A pesquisadora relata ainda que Stenzel tende a representar os negros em uma situação de poder, de vantagem, sendo que no painel atrás da escultura na praça, quem exerce o papel de classe trabalhadora são os homens brancos" (Linha Preta Curitiba, 2018).

Megg lembra que não podemos aqui esquecer as diversas contribuições dos trabalhadores negros como faiscadores, tropeiros e do primeiro presidente da Província do Paraná, o mulato baiano Conselheiro Zacarias de Goes e Vasconcelos.

A pesquisadora aponta ainda que a escultura desencadeou uma série de reações contrárias, pois não representaria os traços fenotípicos do homem paranaense, "Em 1986, na revista Veja, saiu uma reportagem, retomando a discussão em torno da escultura e, de novo, questiona se 'ela representa o povo paranaense', justificando que a população paranaense seria composta hegemonicamente por pessoas brancas. É um processo de silenciamento da população negra, que o Erbo Stenzel rompe de forma muito violenta" (Linha Preta Curitiba, 2018).

Ainda no que se refere a essa escultura, a nudez foi tida como afronta à moral e os bons costumes. Nudez essa, que segundo a pesquisadora: "É uma nudez quase angelical, porque não existe um traço sequer nessa escultura que acene para uma linguagem erótica"

TEORIZAÇÃO (REFERENCIAL TEÓRICO):

É o momento do estudo propriamente dito; nesse momento buscam-se embasamentos para avaliar os pontos chaves e diferentes ângulos do problema são analisados. Como referencial, podem ser utilizados os seguintes documentos:



Escultura "Homem Nu", de Erbo Stenzel, na Praça 19 de Dezembro. Fonte: a autora.

- ▶ A leitura e discussão do poema **Almas das Ruas**: uma crônica para a alma negra curitibana, de Mel e Candiero (REINEHR; SILVA, 2016);
- ▶ A leitura e a interpretação de texto de outros poemas do livro **Oralidades afroparanaenses**: Fragmentos da Presença Negra na História do Paraná, de Mel e Candiero (REINEHR; SILVA, 2016);
- ▶ A música **O Nego do cabelo bom**, Max de Castro que fala sobre cabelo, alisamento e discriminação. Letra e música disponível em: <https://www.letras.mus.br/max-de-castro/140608/>;
- ▶ Para falar sobre o afrofuturismo, pode-se utilizar o filme **Pantera Negra** – 134 minutos. Direção: Ryan Coogler. O filme, une a ancestralidade africana às tecnologias futuristas de Wakanda, relacionando-se ao movimento afrofuturista;
- ▶ O vídeo **Melanina Sim**: Racismo e Estética Negra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e87wlfRiJQw>.

HIPÓTESES DE SOLUÇÃO (PLANEJAMENTO)

É a etapa de elaboração das possíveis hipóteses de solução. Analisando-se a realidade, as possibilidades que podem transformá-la, mesmo que numa pequena parcela, tornam-se mais evidentes.

As estratégias de ação pensadas devem exercer uma diferença na realidade onde se extraiu o problema. Todas as possibilidades sugeridas e pensadas serão registradas e, após esse levantamento, é realizada a seleção das hipóteses de solução mais viáveis.

As hipóteses de solução devem responder às questões levantadas na elaboração do problema, relacionando melaninadas e melaninados no Paraná, estética negra e resistência. Considerando-se o conceito africano de **retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro**, as atividades podem relacionar fatos do passado e do presente, assim como pode-se incentivar os participantes a utilizar a oralidade e a corporalidade, outros dois traços importantes da cultura africana.

APLICAÇÃO À REALIDADE

Planejam-se as ações que serão colocadas em prática e essas são elaboradas. Essa é a etapa de aplicação à realidade, de prática, de ação concreta de acordo com as sugestões de interferências propostas.

Nesse momento, o mais importante é promover uma transformação naquela parcela da realidade, mesmo que essa transformação seja pequena (BERBEL, 1999, p. 6).

REFERÊNCIAS

APP Sindicato. **Sociedade 13 de maio**: 120 anos de história, 120 anos de resistência. Disponível em: <http://appsindicato.org.br/?p=12113/>. Acesso em: 20 out. 2018.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **Metodologia da Problematização**. Londrina: UEL, 1999. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/viewFile/9458/8240>. Acesso em: 12 set. 2018.

BERSANI, Humberto. **Racismo Estrutural e o Direito à Educação**. Revista Educação em perspectiva. v.8, n.3, set-dez/2017. Disponível para download em: https://www.researchgate.net/publication/323145336_Racismo_estrutural_e_o_direito_a_educacao. Acesso em: 12 set. 2018.

BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil**: discursos, corpos e práticas. São Carlos: EdUFSCAR, 2015.

BONFIM, Natalia Apolonia B. e GUELFY, Wanirley P. **Biodiversidade Humana**: A Ciência de ontem e de hoje na reflexão sobre o preconceito racial. Produção didático-pedagógica PDE 2013. SEED/PR. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ufpr_cien_pdp_natalia_apolonia_belino_bonfim.pdf. Acesso em: 03 nov. 2018.

BORDENAVE, Juan Diaz e PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de Ensino-Aprendizagem**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil**: discursos, corpos e práticas. São Carlos: EdUFSCAR, 2015.

FRANK, Priscilla. **Realismo mágico, história da África e ficção científica**: conheça o Afrofuturismo. Geledés, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/realismo-magico-historia-da-africa-e-ficcao-cientifica-conheca-o-afrofuturismo/>. Acesso em: 31 out. 2018.

FINCH III, Charles S. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade**. Uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo, Selo Negro, 2009, (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira: 4) p. 8.



IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílios contínua** – PNAD contínua.2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=20915&t=resultados>. Acesso em: 04 out. 2018.

MAGNUS, R. de Mello Pereira. **Uma praça para Maria Agueda**. *In.: Informativo Centro Cultural Humaita*, 2016. Disponível em: <https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/2018/04/03/uma-praca-para-maria-agueda/>. Acesso em: 28 out. 2018.

MAIA, Camila Pereira. **Mulher negra curitibana**: Trajetórias, cabelo, estética e identidade. Monografia de conclusão de Curso. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2015/08/MONOGRRAFIA-CAMILA-PEREIRA-MAIA.pdf>. Acesso em: 12 out. 2018.

MAYA, Ale. A vida de Maria Boenno pelo pesquisador Edvan Ramos. **Eu amo Curitiba**. Disponível em: <http://www.euamocuritiba.com.br/coisas-de-curitibano/fatos-e-curiosidades/a-vida-de-maria-bueno-pelo-historiador-edvan-ramos/>. Acesso em: 05 out. 2018.

MONTEIRO, Erica de O. **Cor da pele e pigmentos**. RBM Especial Dermatologia. v. 67, p. 05-10. Dez/2010. Disponível em: http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=4484. Acesso em: 05 out. 2018.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Manifestações Afro-Brasileiras**: Artes Plásticas. *In: KOMINEK, Andrea Maila Voss e VANALI, Ana Crhistina*. Roteiros temáticos da Diáspora. Porto Alegre, RS, Editora Fi, 2018, p. 385 – 402.

PACE, Ângela F. e LIMA, Marluce O. **Racismo Institucional**: Apontamentos Iniciais. *Artifícios*. Revista do Difere, v.1, n.11, p. 1-17, dez, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Angela_Pace2/publication/228442071_RACISMO_INSTITUCIONAL_APONTAMENTOS_INICIAIS/links/575594f108ae0405a57549c0/RACISMO-INSTITUCIONAL-APONTAMENTOS-INICIAIS.pdf. Acesso em: 12 set. 2018.

PENA, Sergio D. J. **Humanidade sem raças?** São Paulo: Publifolha, 2008 – (Série 21).

REINEHR, Melissa e SILVA, Adegmar J. **Oralidades Afroparanaenses: Fragmentos da presença negra na história do Paraná.** Curitiba: Editora Humaitá, 2016.

_____ **Almas das Ruas.** Leitura dramatizada do poema com a atriz Franciele Gonçalves Gomes, no evento "Te encontro no Guido" em 2015. Disponível em <https://youtu.be/dhGfJYZkbgA?t=406>.

REDAÇÃO BEM PARANÁ. **População branca encolhe no Paraná; negros e pardos aumentam, diz IBGE.** Bem Paraná. Disponível em <https://www.bemparana.com.br/noticia/populacao-branca-encolhe-no-parana-negros-e-pardos-aumentam-diz-o-ibge->.

RIBEIRO, Stephani. **Meu lacre é poder.** Revista TRIP. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/stephanie-ribeiro-escreve-sobre-geracao-tombamento-e-afrofuturismo>. Acesso em: 01 nov. 2018.

SANTIAGO, Fernanda Lucas. **Sociedade 13 de maio: uma estratégia de sobrevivência nos pós abolição.** (1888-1896). Monografia de estágio supervisionado. Curitiba, UFPR, julho/2015. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2015/07/MONOGRRAFIA-FERNANDA-L-SANTIAGO.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos; MATTOS, Ivanilde (Ivy) Guedes de Mattos. **Empoderamento Feminino e revolução.** In: KOMINEK, Andrea Maila Voss e VANALI, Ana Crhistina. **Roteiros temáticos da Diáspora.** Porto Alegre, RS, Editora Fi, 2018, p. 265-287.

SILVA, Kellen Carolina Vieira Silva e QUADRADO. Jaqueline Carvalho. **O Afrofuturismo como forma de representação cultural.** EMIcult. 2º Encontro Missionário de Estudos Interdisciplinares em Cultura. URI, São Luiz Gonzaga, v.2, agosto/2016. Disponível em: <http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2016/11/O-AFROFUTURISMO-COMO-FORMA-DE-REPRESENTA%C3%87%C3%83O-CULTURAL-2.pdf>. Acesso em: 03 out. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930.** São Paulo: Companhia das letras, 1993. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/instrumentos/oespetaculodasracas.pdf>. Acesso em: 05 out. 2018.



FONTES CONSULTADAS:

Curitiba em 1827, por Jean Batiste Debret.

Disponível em: <http://www.gilsoncamargo.com.br/blog/pintores-da-paisagem-paranaense/>. Acesso em: 03 nov. 2018.

Sociedade 13 de maio.

Disponível em: <https://www.facebook.com/soc13demaio/>. Acesso em: 31 out. 2018.

Linha Preta Curitiba.

Disponível em: <https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>. Acesso em: 22 ago. 2018.

Maria Agueda.

Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~coorhis/robsonluan/maria.agueda.html>. Acesso em: 28 out. 2018.

Pantera Negra.

Disponível em: <https://filmow.com/pantera-negra-t58708/ficha-tecnica/>. Acesso em: 03 nov. 2018.

Pretinhosidade.

Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top/?q=bloco%20pretinhosidade>. Acesso em: 03 nov. 2018.

O Nego do cabelo bom, Max de Castro.

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/max-de-castro/140608/>.